

É preciso ler Cardoso Pires

O Globo,
11.5.75

"Vou aqui por este lado / a vistoriar o historiado / Vou por aqui e vou bem / como dizia a tua mãe." // "Ora deixai-me dizer / que vejo tudo ao contrário / do que era lícito ver."

Cesariny de Vasconcelos, poeta português contemporâneo

ÁLVARO MENDES

A publicação das *Novas cartas portuguesas*, com a marca das (hoje célebres) três Marias, fez sucesso internacional, já sabemos. O momento era favorável, quase o mesmo em que outro livro, supostamente aberto ao futuro, mas com certeza mais aberto ainda ao passado, teve a sua fase de barulho enganador. Contudo, os historiadores da cultura em Portugal, quando as águas serenarem no seu novo leito, hão-de realçar talvez, de preferência, uma obra de aspecto singelo — espessura e título — que não aspira a *pedigrees* conventuais nem sonha com suspeitos neo-impérios de fantasia: um magro ensaio/panfleto que, brinca brincando, cala fundo no espírito de quem souber ler: *A cartilha do marialva*, de José Cardoso Pires, escritor português. Assim mesmo: cartilha.

Ensaio? Panfleto? Não é preciso rotular. Quando a fronteira dos gêneros literários se torna cada vez mais fluida, dir-se-ia questão de conveniência didática; quando a literatura mesma deixa de ter limite preciso, tornando obsoleta a noção de correspondência das artes (seria melhor, talvez, dizer "interpenetração") — é desconfortável recorrer a fugidios pontos de apoio. Mas há uma *atitude*, um modo-de-ver, que poderia ajudar a "situar" este livro: a que nos leva a considerá-lo fruto do espírito ensaístico, tal como ele nos é proposto por Silvío Lima, no *Ensaio sobre a essência do ensaio*.

O que torna um encantamento este livro de Cardoso Pires é a mobilidade bailarina do seu raciocínio (*je suis rapide ou rien*). O que o torna fascinante, é a rapidez com que corrige a posição de tiro. Nesta babel de avassalador estilo maçaroca, em que as palavras são a camisa-de-força com que a maioria dos autores se anulam como seres pensantes (agora mesmo, o "entretexo" começa a cacarejar); quando, com o *nihil obstat* de Mamãe Universidade, uma parcela da chamada "inteligência", hesitando entre o "científico" e o "mágico" (uma aliança digna da escolástica tardia) leva os menos cautos a pensar que a força de penetração de uma frase é diretamente proporcional à grandeza da sua desorganização sintática e ao tamanho da sua "mancha gráfica"; a pensar que matemática é falar de teoria dos conjuntos; e que geometria — ó Riemann! — são aquelas piedosas, esbatidas figurinhas rabiscadas a giz no quadro negro — acompanhar o traçado rigoroso de Cardoso Pires é um alívio para quem ainda acredita na existência da língua portuguesa como veículo capaz de transmitir sensações e pensamentos. Estilo finíssimo, que provoca um pequeno abalo de estranheza no leitor, dividido entre o querer saber se não compreendeu ou se compreendeu excessivamente.

Ele se expõe, de maneira tática. É capaz de escrever coisas suscetíveis de serem contestadas porque podem ser compreendidas (o grau de compreensão depende do grau de consciência do leitor, e não de qualquer obscuridade aparente da frase).

Núcleo do livro: machismo, ostensivo ou latente, à oeste da península (leia-se: Lisboa, 1960). Machismo, sinônimo: "marialvismo", i. e., provincianismo. Características: a santa paz dos campos, o culto da mulher vir-

gem & mãe lida., mitificação do chefe (aquilo a que os italianos chamavam maviosamente *il duce*), astrologia em vez de astronomia, divinização do instinto, ódio ao agir racional, à emancipação da consciência — tudo coroadado pela oposição hostil "macho-fêmea", o macho pesando mais, coroa bifronte de uma realidade esquizofrênica. O *mura* a *inteligência*, cujo eco ainda ressoa, em vão, incapaz de resistir à marcha dilacerada, mas irreversível, do espírito iluminista.

Cardoso Pires faz um levantamento-de-campo que se manifesta sintético, mas é o resumo feliz de cuidadoso trabalho de análise. Pede contas aos escritores da sua terra do que fizeram da inteligência: D. Francisco Manuel, aristocrata que trouxe para a prosa portuguesa a racionalidade dos movimentos de tropas (foi, no séc. XVII, um notável chefe militar, do lado errado), mas que não acertou as idéias pelos melhores relógios do tempo, e por isso andou às voltas com a "ciência cabala" (aqui está de novo a "ciência" e a "magia"...); o Garrett combatente liberal, que no caso da vida se esqueceu de como pensava antes de ser visconde; a esgaldada figura de Eça que, gênio à parte, mostrou bem pequena compreensão ideológica. Nem Pessoa escapa inteiro — menos por qualquer dúvida quanto ao valor intrínseco do que escreveu (há gente que ainda não sabe o que significa a palavra *humour*) do que pelo cálculo inexato do uso possível do que escreveu, numa sociedade que não o merecia, para além do sarcasmo. Cardoso Pires rastreia o parkinsonismo vocabular (*bestial*, em Portugal; *féodal*, na França, traduzindo para brasileiro: *transar*, *falou*, *sacar*, *curtir*, da forja surfista (simbolicamente) e que estão merecendo uma *análise anti-bem-pensante*); o mobiliário rústico (dellucioso o colonial depois da *Bauhaus*, não é?); os mitos que se escondem no selo das estrelas (de cinema); e as metáforas que deslisam por detrás da máquina de escrever.

Ninguém comete erros de ortografia numa sociedade analfabeta, disse McLuhan, que às vezes acorda. Mas é melhor poder cometer erros, principalmente na ortografia do pensamento. Cardoso Pires comete alguns, outros não. Por exemplo, não comete o de pensar com a cabeça dos outros; o de pouco ver; achar que a razão está ultrapassada (segundo Jung, ainda não chegamos lá); e não comete este, fatal a quem escreve livros: querer inventar, "quando basta saber".

Ele é capaz de se colocar nas palavras e na combinação delas, sem se deixar absorver por elas, exercendo assim a grande arte da conversação, mas de uma conversa que sabe estar sendo escrita e, por isso, é de galope mais largo. Em tudo e por tudo, é um escritor de cidade, um não provinciano, um cidadão. Esta palavra parece que anda meio esquecida. É preciso ler Cardoso Pires.

Nota: Cardoso Pires é um dos mais importantes romancistas portugueses contemporâneos, e um dos expoentes do chamado neo-realismo. Entre seus livros principais: O hóspede de Jó, O anjo ancorado e, principalmente, O Delfim. Podem ser encontrados na Livraria Camões.